

RESUMO - CIÊNCIAS DA SAÚDE

INCIDÊNCIA DA NOMOFOBIA E SEU IMPACTO NA QUALIDADE DE VIDA DE ESTUDANTES DE MEDICINA EM UMA INSTITUIÇÃO DO NOROESTE FLUMINENSE

Lara Ribeiro Melo (melolararibeiro17@gmail.com)

Sérgio Gomes Da Silva (Sergio.gomes@afya.com.br)

A nomofobia, definida como o medo irracional de ficar sem acesso ao telefone celular, tem se destacado como um problema emergente entre universitários. Entre estudantes de medicina, essa condição pode ser agravada pela elevada carga acadêmica e pelo uso frequente de dispositivos digitais para fins educacionais e sociais, podendo gerar ansiedade, irritabilidade e prejuízos à qualidade de vida. O presente estudo teve como objetivo analisar a incidência de nomofobia e sua relação com a qualidade de vida entre estudantes de medicina de uma instituição do Noroeste Fluminense, além de investigar associações com sexo e faixa etária. Trata-se de um estudo quantitativo, transversal, realizado com 51 estudantes de graduação em Medicina. A coleta de dados foi realizada por meio de formulário eletrônico contendo o Nomophobia Questionnaire (NMP-Q), o WHOQOL-BREF e questões sociodemográficas. O NMP-Q possui 20 itens, com pontuação total de 20 a 140 pontos, sendo valores mais elevados indicativos de maior grau de nomofobia. O WHOQOL-BREF avalia os domínios físico, psicológico, relações sociais e ambiente. As análises estatísticas incluíram frequências absolutas e relativas, medidas de tendência central e testes de associação (Teste Exato de Fisher), comparação (Mann-Whitney e Kruskal-Wallis) e correlação (Kendall), com nível

de significância de 5%, utilizando o software R (versão 4.3.1). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE: 76465623.3.0000.5648). Observou-se predominância do sexo feminino (58,8%; n=30) e idade =25 anos (51%; n=26). A pontuação mediana do NMP-Q foi de 91 (72,5–101), indicando nível moderado de nomofobia. Houve associação significativa entre sexo e nomofobia ($p=0,0155$), com maior prevalência de casos graves entre mulheres (50%), enquanto entre os homens predominou o nível moderado (61,9%). A pontuação global foi superior no sexo feminino [99,5 (88,8–102)] em comparação ao masculino [73 (66–76)] ($p=0,0004$). Em relação à qualidade de vida, o escore global mediano foi de 57,83 (53,49–59,94), indicando baixo nível. Não foram observadas diferenças significativas entre sexo e idade ($p>0,05$). O domínio relações sociais apresentou maior escore [75 (66,67–75)], seguido pelos domínios físico [71,43 (55,36–75)], psicológico [58,33 (52,08–66,67)] e ambiental [56,25 (51,56–62,5)]. Não houve correlação significativa entre os escores do NMP-Q e WHOQOL-BREF ($t=-0,1748$; $p=0,0724$). Concluiu-se que há níveis moderados de nomofobia entre estudantes de medicina, com maior intensidade no sexo feminino e baixos níveis de qualidade de vida. Apesar da ausência de correlação estatística entre as variáveis, os achados sugerem possível impacto indireto da nomofobia no bem-estar, reforçando a importância de estratégias voltadas ao uso consciente da tecnologia e à promoção da saúde mental no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: nomofobia; qualidade de vida; estudantes de medicina; saúde mental.